

A PROPÓSITO DA OBRA PORTUGUÊS ESTRUTURAL

Paulo Mosânio Teixeira Duarte*

Nosso propósito, ao analisar a obra **Português Estrutural**, de José Rebouças Macambira, é destacar alguns pontos relevantes no referente à estrutura das palavras. Deixamos de lado o capítulo relativo à estrutura da oração interrogativa, que, a nosso ver, é um dos assuntos mais bem tratados pelo linguista cearense. Não nos deteremos nele por duas razões. A primeira diz respeito ao pouco espaço de que dispomos para analisar um longo capítulo que aborda de forma minudente a oração intrrogrativa em suas modalidades. A segunda concerne à própria necessidade de uma unidade temática para o nosso ensaio. Se nos propomos a considerar a estrutura vocabular, não vemos como acoplar tal assunto à análise da oração interrogativa, porque inevitavelmente concorreria para tornar nosso ensaio um tanto digressivo. E o que é pior: tornaria nossa análise superficial. Isto posto, enveredamo-nos pelo que nos interessa em **Português Estrutural**.

O capítulo relativo à estrutura das palavras é apresentado em forma de pequenos tópicos, o que concorre para tornar o assunto esquemático. Isso se dá em virtude da finalidade pedagógica da obra. Por conta disso, o autor sacrifica o natural encadeamento dos assuntos e os vários cotejos teóricos. Assim, na secção 1.1., Macambira trata, em subsecções distintas, dos diversos constituintes vocabulares.

Podem ser feitos alguns reparos à abordagem dos assuntos. Por exemplo, o autor, ao definir a raiz, apóia-se na doutrina de Saussure (1977: 216), segundo a qual ela é 'o elemento em que o sentido comum a todas as palavras aparentadas atinge o máximo de abstração e generalidade'. Exemplifica com a forma *livr-*, que só se concretiza quando recebe a vogal temática ou os sufixos. Daí, os substantivos *livro*, *livraria*, *livreiro*. Parece-nos, todavia, que, num segundo momento, Macambira não leva em conta o aspecto semântico decorrente da definição saussuriana, pois alude à pura e simples supressão dos afixos e desinências para obter-se a raiz. Os seguintes exemplos extraídos de **Português**

Estrutural corroboram nossa afirmação: **contração** e **conductor**, que têm como raízes **-tra-** de **-du-**, que são formas presas às quais é difícil, senão impossível atribuir algum sentido. Elas são obtidas com base em critérios formais, técnicas de comutação assim ilustradas: **contração** / **distração**, **contração** / **contrátil**; **conductor** / **reductor**, **conductor** / **condução**.

O critério de retirada dos afixos e desinências tem sua validade didático-pedagógica. Impõe-se, contudo, que se saiba de antemão o que são estes elementos e como identificá-los no corpo de um vocábulo. Acrescentemos também que a definição de raiz está em função do processo derivacional, porque implica o conhecimento prévio dos sufixos, e da composição em parte, porque pressupõe o conhecimento dos prefixos (para Macambira, a prefixação configura composição). Não há referência à raiz nas formações que Macambira denomina **radico-radicaís**.

Na definição de radical, o autor contempla basicamente o plano derivacional. A definição permite que infrairmos a existência de diversos radicais no corpo vocabular, desde o de maior grau até o de menor grau, que é a raiz.

Ficamos por compreender o porquê de toda palavra ter infalivelmente um sufixo zero. Não conseguimos saber como esta exigência se encaixa com a noção de morfema zero (ou melhor, de morfe zero, pois nos referimos ao plano da expressão). O zero advém da técnica da comutação. Por exemplo, existe desinência número-pessoal zero em **amávamos**. Mesmo com todas as restrições ao uso do zero, há linguistas, como Gleason (s/d: 80-81), Elson e Pickett (1978: 67-68), que se opõem a ele. A descrição fica ainda mais comprometida se não estiver amparada em sólidas bases distribucionais.

Descrição plausível se relaciona com a segmentação das formas participiais, exclusivas da voz passiva. Uma forma como **amado**, na construção **sou amado**, seria analisada: **am** + **a** + **d** + **o** + **φ** + **φ**. Os zeros são de natureza desinencial. O constituinte **a** é a vogal temática verbal e o

* Professor do Departamento de Letras Vernáculas da UFC. Doutor em Língua Portuguesa e Linguística. Da Academia Cearense de Língua Portuguesa.

o, a vogal temática nominal; **d** é a desinência de participio. A estrutura do vocábulo reflete nitidamente seu caráter de verbóide, de forma verbo-nominal. Saliente-se que foi dando continuidade ao espírito desta análise que Monteiro (1986: 87-88) distinguiu, além da forma verbo-nominal, a verbal e a nominal.

Ponto também a destacar-se é a caracterização do morfema em termos distribucionais. Referindo-se à vogal temática e à controvérsia acerca do seu caráter morfêmico, Macambira decide-se por incluí-la entre os morfemas porque distribui os nomes em temáticos e aтемáticos e os verbos, em conjugação.

Macambira considera supérfluas as consoantes de ligação. Numa palavra como **cafezinho**, considera que a melhor análise é **cafe + zinh + o + φ**. A forma **-zinh** é variante de **-inh**, que comparece em **menininho**. O autor resolve o problema no âmbito da alomorfia.

O autor ultrapassa a concepção de flexão e derivação em termos de oposição entre sistema fechado e sistema aberto, de sistematização e assistematização. Baseado no ensinamento de Meillet, caracteriza o mecanismo flexional em aspecto de natureza sintática, a saber:

- a) a concordância nominal;
- b) a concordância verbal;
- c) a correlação dos tempos (latim: **consecutio temporum**)

No âmbito flexional, chama-nos particularmente a atenção a descrição do mecanismo de flexão verbal. Macambira não se vale da noção de arquifonema nasal para as formas verbais terminadas em **am**, no que difere de Mattoso Câmara (1982: 109). Uma forma como **amam** é segmentada **am + am + φ + (o)**, onde o grafema **o** representa a desinência número-pessoal e o dígrafo **am**, a vogal temática /ã/. Coerente com sua doutrina fonológica, analisa as formas verbais terminadas em **em**, a exemplo de **amem** e **amassem**, como desprovidas de desinência número-pessoal. Em termos analíticos temos **am + φ + em + φ**, **am + a + ssem + φ**.

Não concordamos, no entanto, com a análise das segundas pessoas do singular e do plural do pretérito perfeito, para as quais identifica uma desinência modo-temporal, **s**. Macambira afirma recorrer a uma perspectiva pancrônica. Não entendemos como é possível fazer referência a esta perspectiva e à consciência que os falantes devem ter dos elementos componentes de um vocábulo, da qual ele nos fala na secção intitulada **Sincronia e Diacronia**. Se adotarmos a noção do morfema cumulativo, diremos que **-ste** e **-stes** marcam as noções modo-temporais e número-pessoais. Para tanto, seria necessário descartar o uso do morfema zero na descrição das formas verbais.

Falemos sobre a formação de palavras. No tocante à composição o autor distingue as formações radico-radicaís e prefixo-radicaís. As primeiras se caracterizam por apresentar elementos que correspondem a substantivos, adjetivos ou verbos da língua. Esta correspondência pode ocorrer também no plano do conteúdo, como atestam os exemplos abaixo, que apelam para o conhecimento etimológico por

parte do falante: **democracia** = governo do povo, **Terpsicore** = que ama a dança, **homicídio** = morte de um homem. Pelo mesmo raciocínio, podemos achar que **-iz**, de **fertilizar** é radical, pois equivale a **tornar**, que é verbo.

O linguista cearense se vale das correspondências semânticas para a composição prefixo-radical. O importante é que o primeiro componente corresponda a um elemento do sistema fechado: pronome, numeral, advérbio ou preposição: **autópsia** = exame de si mesmo, **epitáfio** = sobre o túmulo.

Quem, senão o conhecedor de etimologias reconhece o sentido dado a estes dois vocábulos? Lembremos que **autópsia**, em português, não tem o sentido que lhe é atribuído por Macambira. Vem sendo substituído por **necrópsia**.

Alguns outros exemplos de composição são de difícil reconhecimento em português, numa perspectiva sincrônica, como **bancarrota**, **manietar** e **manumitir**.

É também questionável inserir algumas formações com prefixos entre os compostos, a exemplo de **infelicidade**. Converter o elemento prefixal **in-** em **não** é eminentemente processo semântico e não formal. **In-** não existe como forma de livre curso em português, não gera derivados e não tem mobilidade no corpo do vocábulo. Engendra, portanto, derivação.

Aliás, os argumentos de Macambira em favor da inserção dos prefixos entre os elementos de composição não convencem. Um dos argumentos se baseia na excepcionalidade da função gramatical do prefixo. Tal função não é tão excepcional assim. Há o caso do aumento **e-** em grego (**eleipon** = eu deixava). Em latim, conforme testemunho de Ernout e Thomas (1953: 219), havia, em dado momento, os prefixos **in-** e **com-**, marcadores de **perfectum**, como atestam os exemplos: **nosco / cognovi**, **notesco / innotui**. Segundo Rowlands (1985: 182-194), existem em Iorubá prefixos de função gramatical, que chegam a operar transcategorização. Com relação ao tupi, segundo informações de Barbosa (1953: 154-157), há os prefixos marcadores de classe.

Também não concordamos com a restrição que Macambira faz aos parassintéticos, circunscritos aos indicadores de mudança de estado, a exemplo de **enriquecer** e **apodrecer**. Existem outros tipos, como os que seguem os paradigmas de **engavetar**, **ensaboar** e **desmatar**.

E eis o quanto basta neste modesto ensaio crítico. Não poderíamos deixar de fazer uma ressalva aos nossos reparos. Não é nosso desejo que cheguem aos que nos lêem com conotações negativas. Afinal uma obra vale também pelo que suscita em termos de objeção. Como bem disse algures Borges: 'um livro que não encerra seu contralivro é considerado incompleto'.

BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, A. Lemos. *Curso de Tupi Antigo*. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1953.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis, Vozes, 1982.

ELSON, Benjamin e PICKETT, Velma. *Introdução à Morfologia e à Sintaxe*.

Tradução de Ayrton Rodrigues e outros. Petrópolis, Vozes, 1978.

ERNOUT, Alfred et THOMAS, François. *Syntaxe Latine*. Paris, Librairie C. Klincksieck, 1953.

GLEASON, H. A. *Introdução à Linguística Descritiva*. Tradução de João Pinguelo. Lisboa, Calouste Gulbenkian, s/d.

MACAMBIRA, José Rebouças. *Português Estrutural*. São Paulo, Pioneira, 1978.

MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia Portuguesa*. Fortaleza, EDUFC, 1978.

ROWLANDS, E. C. *Yoruba*. Great Britain, Hodder and Stoughton, 1985.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Tradução de Antônio Chelini e outros. São Paulo, Cultrix, 1977.